



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

“SÃO BENEDITO ERA UM SANTO PRETO. E COMO É QUE UMA CIDADE COMO ENCRUZILHADA, VAI TER ESSE PADROEIRO?”: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM SANTO NEGRO TROCADO POR UMA SANTA BRANCA.

Fabíola Pereira de Araújo*
(UESB)

Washington Santos Nascimento**
(UESB)

INTRODUÇÃO

A história religiosa de Encruzilhada, cidade do sudoeste Baiano é marcada por um fato bastante controverso. São Benedito era considerado o padroeiro da então vila, porém no momento do reconhecimento oficial por parte da Igreja Católica, a elite encruzilhadense o rejeitou, alegando o fato de o santo ser negro, sendo, portanto, portador de uma inferioridade que não era condizente com a vila. Os donos do poder, bem como a Igreja Católica local, trataram de suprimir aos poucos a presença do culto a ponto de alijá-lo completamente da memória oficial, todavia o fato subsiste na chamada, por Michael Pollak, de “memória subterrânea”, o que acabou por desembocar no mito de que por um castigo, evocado pela troca, a cidade não evoluiria.

Quatro pessoas da comunidade foram entrevistadas, a saber: a primeira, a senha Filomena Teixeira Ramos, a segunda, a senhora, Maria Beatriz Silva Fernandes, o terceiro o senhor Vanderlei Soares Santana e, a quarta, a senhora Gildete Oliveira Matos. Essas pessoas abriram as suas lembranças, uma por ter vivenciado, outras por “ouvirem dizer”, rompendo assim como silêncio que predomina na cidade. Importa dizer pois,

* Licenciada em História. Email: fabioladearaujo@yahoo.com.br.

** Professor do Departamento de História e Coordenador do Grupo de Estudos em História da África e da América Negra/Museu Pedagógico/UESB. Email: washington_docencia@yahoo.com.br



como diz Pollak, “ essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa”.⁷⁰

Questionados sobre o fato de ter sido São Benedito o padroeiro – há que se dizer que esse era um título dado pelo povo – os quatro reconhecem a veracidade do fato, porém, principalmente na fala da senhora Filomena, mais conhecida como Dona Nén, percebe-se, sobremaneira, uma tentativa de conciliação com a memória dominante, Dona Nén assim diz: “ ...‘tava’ assim no lugar de padroeiro que não tinha nesse tempo, não tinha outra igreja né?”. Na fala dos outros três entrevistados há uma tentativa de isenção, os verbos sempre são usados na terceira pessoa, “falam”, “dizem”... enfim, o enfrentamento do poder instituído é evitado. A fala da senhora Beatriz é bastante ilustrativa:...aquelas pessoas de maiores recursos, eles se reuniram... e acharam por bem transferir o padroeiro de Encruzilhada, que na época era São Benedito, ficava essa...essa capelinha ali na rua Antônio Baleeiro, né? Porque tinha o preconceito... São Benedito era um santo pret... preto. E como é que uma cidade como Encruzilhada, ia ... vai ter esse padroeiro... tal? Então, teve esse questionamento... então houve esse questionamento. Então o quê que aconteceu? Resolveram acabar com a capela de São Benedito e instituíram Nossa Senhora de Lourdes como padroeira de Encruzilhada...

O silêncio por parte da instituição é manifesto. O Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora de Lourdes exime-se de qualquer comentário que pudesse fazer referência à existência de uma capela com culto devotado a São Benedito, assim como não há nenhuma alusão ao sumiço da imagem do santo negro, que, segundo uma depoente, estivera por um tempo na igreja da santa branca. Em um desses momentos de crise, pelos quais passam a memória oficial, foi doada para a igreja uma imagem do santo em questão, inclusive pela senhora Gildete, que é uma das depoentes; mas a

⁷⁰ POLLAK, Michael. 1992, p.02 POLLAK, Michel. “Memória, Esquecimento e Silêncio” In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1992



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

invisibilidade que é direcionada a Benedito, não permite que lhe incluam nos ritos católicos. A imagem está na igreja, porém não fora reintroduzida na ritualística.

A escolha da substituta oficial de Benedito denota uma tentativa de imposição sem reação. A santa substituta não é qualquer santa, é Nossa Senhora de Lourdes, rejeitá-la, seria portanto, rejeitar a mãe do próprio Deus. Na hierarquia celeste, São Benedito ocupa um degrau inferior. Apesar dessa mensagem implícita, a troca não se deu de forma brusca, Dona Nén guarda recordações de quando o santo era lembrado nos rituais da Igreja Matriz, a disposição dos altares, os quais são lembrados pela depoente, todavia, condiz com a concepção que motivara a troca, a sua presença era relegada a segundo plano. Dona Nén recorda: eu lembro que nós ‘tava’na escola e a professora nossa levava ‘nóis’na... tinha São Benedito, naquele tempo ‘tava’ na igreja, era uma ‘imaiginha’ pequena e tinha o ‘altazim’ dele bem do lado de Nossa Senhora e quando festejava São Benedito a professora nossa levava ‘nóis’ na ig... no dia da ... na noite “dela”. Segundo Pollak o simples fato de se manter vivas, memórias dissidentes da memória oficial, já se configura em uma resistência por parte da sociedade civil, a despeito da importante doutrinação ideológica, essas lembranças durante tanto tempo, confinadas ao silêncio e transmitidas de uma geração a outra oralmente, e não através de publicações, permanecem vivas. O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais.

O caráter conciliatório da Memória Individual com a Memória Oficial é renitente, com o desenrolar da entrevista, Vanderlei declara ter arrependido por ter feito uma peça teatral tão audaciosa. Vanderlei afirma: “eu fiquei até um pouco arrependido depois disso aí... porque ... por causa desse choque de cultura que teve... teve de cultura, foi de... de raça que teve na cidade”.⁷¹ A memória que subsiste na cidade está amalgamada ao mito, envolvendo a figura de São Benedito. É sabido que para as memórias sobreviverem,



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

elas usam de qualquer artifício, inclusive um mito, que é em suma uma narrativa que busca explicações no âmbito do sobrenatural, para justificar certas situações, ou mesmo uma realidade mais geral. Ao se tratar de São Benedito, Bastide assinala que no final do século XIX, o catolicismo começa a sofrer transformações internas, por conta da mudança nos quadros de composição do clero, tudo que lembrasse demais a crença do negro passa a ser objeto de querela, naturalmente o santo negro não sai ileso, ... esse culto de São Benedito ficou carregado de ressentimentos, que outrora não se encontravam, pelo menos no mesmo grau. Seu dia deve ser celebrado anualmente pela Igreja, sem o quê os castigos se abateriam sobre a comunidade; há mesmo um mito que justifica esse dever: “Disse Deus a São Benedito que ele ia ser santo. São Benedito respondeu que não queria, porque era negro. Então Deus declarou que quem zombasse dele seria castigado”.

O mito em Encruzilhada, talvez tenha as suas raízes nesse apresentado por Roger Bastide. Porém, é preciso dizer, que não se trata de uma mera repetição, ele tem os seus fundamentos históricos, suas especificidades, São Benedito fora preterido na referida cidade e o suposto castigo nasce dessa rejeição, Barthes instiga, “o mito é uma fala escolhida pela história: não poderia de modo algum nascer da ‘natureza’ das coisas”.⁷² Há alguns elementos em específico, que necessitam serem analisados, pois definem a configuração de um mito e que estão presentes nessa narrativa que perpassa a memória encruzilhadense.

O tempo para a concepção mitológica é um tempo vago, que presume datas e uma linearidade. Na fala dos entrevistados é perceptível essa carência, o tempo linear fora suprimido, quando inquiridos sobre datas, os depoentes tentam fazer alusões às suas vidas pessoais, a fatos políticos, mas nunca conseguem definir uma data com precisão. O tempo é apresentado como uma passagem extremamente longínqua. Segundo as palavras de Beatriz, “isso tem muito tempo, porque Encruzilhada, como eu disse, ainda não era

⁷² BARTHES, Roland. *Mitologias*, tradução de José Augusto Seara, Porto, Edições 70, 1957 BARTHES, 1993,p.132



emancipada né? Foi assim, mais ou menos, no peri... no período da ... da emancipação que se deu essa... essa história, há muito tempo mesmo...”⁷³. Barthes alude sobre esse caráter do tempo, ele diz que, “o mito é constituído pela eliminação da qualidade histórica das coisas: nele, as coisas perdem a lembrança da sua produção”.⁷⁴

A narrativa é, por excelência, o meio de difusão do mito. É a oralidade que mantém o mito vivo, passando de geração em geração, Clémence Ramnoux afirma que “mito significa narrativa e se transmite de boca em boca por predileção”.⁷⁵ Essa prerrogativa está presente em todas as falas, é claro que essa narrativa, exatamente por ser uma memória, está eivada pelos conflitos inerentes à memória extra-oficial. A fala de Vanderlei, por exemplo, demonstra tal tensão, a resposta dele sobre a questão da involução da cidade, demonstra por um lado uma tentativa de adequação com a memória oficial e por outro, o discurso que é disseminado de boca em boca. Vanderlei diz: “É... é... até hoje tem isso né? Inclusive é... é, eu estava conversando com o promotor, com o... é... Dr. Márcio, e ele tava colocando essa problemática aí, eu fui ensinar, é... ô Márcio a cidade “num”... “num” evolui, não vai pra frente por causa desse santo né? Que foi trocado. Isso o pessoal tem até hoje... isso né? Não sei se alguém já falou pra você, mas eu... eu... o promotor já sabe... já sabe disso, alguém já falou pra ele. Rildo também, que Rildo chegou pra’qui esses tempos, é o diretor do colégio, falou pra mim... tem essa... toda essa história que o pessoal conta, é... sempre eles falam isso, né? Que foi isso, que a cidade não... não... não evolui por causa desse santo...”

Um elemento importante para se considerar é o trecho em que o entrevistado diz ter contado sobre o mito para o promotor, e, imediatamente, refuta as suas palavras, isentando-lhe da responsabilidade de ter espalhado tal história. Essa é uma discussão análoga à necessidade de conciliação das memórias individuais com a memória institucional.

⁷⁴ Barthes, 1993, p.163

⁷⁵ RAMNOUX p.19



Os mitos sempre expressam uma certa nostalgia em relação ao passado, tem-se uma concepção edênica do mundo, ou mesmo de realidades fragmentadas. O imaginário de que Encruzilhada não evoluiu depois da troca do padroeiro, denota um ponto de ruptura, a quebra de uma seqüência de grandes realizações que, necessariamente conduziriam a cidade para o progresso. O reverso da história, nesse caso produto de um castigo do mundo sobrenatural, é a cidade estar condenada ao atraso, como se o tempo histórico não se concretizasse, Beatriz ao falar desse passado de Encruzilhada traz à luz essa concepção paradisíaca, ao dizer que, “naquela época Encruzilhada tinha muitas coisas, inclusive tinha muitas pessoas importantes, tinha juiz, tinha medico, né?...”

Exatamente pela narrativa estar imbricada a um momento de ruptura, ela oferece respostas, não respostas fundamentados no logos, na razão, mas respostas que aludam a seres sobre-humanos como criadores, Caprettini, Ferrano e Filorano, fazem essa diferenciação funcional de mythos e logos, ... é certo que, se se quiser identificar alguma coisa de concreto nos dos termos “mythos” e “logos”, tratar-se-á sempre de fenômenos distintos pela sua função social, pelo seu estatuto cognitivo, pelos processos intelectuais implicados.⁷⁶

A fala de Beatriz emblemática quanto à cognição do suposto atraso da cidade e, depois ao admitir que o novo estado da cidade, está na irrupção do sentimento de rejeição de São Benedito, como em uma busca de redenção para a coletividade, ela fala da necessidade de se construir uma nova capela para o santo. Assim ela diz:... aí ficou essa... essa interrogação: Por que Encruzilhada, sendo uma cidade tão antiga, não evolui como as outras cidades?... Por quê?... Então as pessoas se perguntam... questionam isso... Será se não foi essa mudança? Não é?... Essa discriminação?... Então, eu mesma, se pudesse, eu mesma construiria uma capela de São Benedito, porque eu acho que a... a.... a tradição é a nossa base. Se pudesse eu faria isso... reconstituiria né? Essa capelinha de São Benedito.

⁷⁶ 1984, p. 102



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Vê-se, pois, que há uma busca incessante por respostas, que por sua vez, excede o âmbito material e chega-se ao sobrenatural, essa dicotomia completa com a fala de Vanderlei, que em um dado momento diz que pra ele o que falta é vontade política para que a cidade evolua. Barthes traz uma lembrança bastante pertinente para a relação do homem com o mito, "...os homens não mantêm com o mito relações de verdade, mas sim de utilização".⁷⁷

O tempo histórico atual rechaça tudo o que foge do pensamento e das explicações científicas, acredita-se em uma racionalidade exacerbada. O mito em Encruzilhada, demonstra o fato de que, a despeito do discurso dominante, os mitos subsistem, pois, em última análise, trata-se de seres humanos que trazem em si inúmeros questionamentos, que também buscam respostas em inúmeras fontes. O mythos não descarta o logos e vice-versa. Eles antes convivem, mesmo que seja uma relação conflituosa.

REFERÊNCIAS

- BASTIDE, Roger - As Religiões Africanas no Brasil. São Paulo. Pioneira. 1985 BASTIDE, p.476
BARTHES, Roland. Mitologias, tradução de José Augusto Seara, Porto, Edições 70, 1957
BARTHES, 1993,p.132
BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. São Paulo: Companhia das Letras: 2002.
POLLAK, Michel. "Memória, Esquecimento e Silêncio" In: Estudos Históricas. Rio de Janeiro, 1992
THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

⁷⁷ BARTHES, p.164